

A violência anda nas capas

05 de setembro de 2001

“Vai acontecer uma tragédia se o governador não vier”

05 de setembro de 2001

Não dá mais

03 de setembro de 2001

“Estou arrependido”

05 de setembro de 2001

40 mil homicídios / ano: é guerra civil

São manchetes de capa de revistas de grande circulação nacional. Apesar da diferença entre os títulos, não é difícil saber que todas fazem referência a um mesmo assunto. E todos nós sabemos do que se trata, afinal, estivemos submetidos a um assédio midiático que se instalou a partir do episódio no qual o empresário Sílvio Santos tornou-se refém de um seqüestrador.

O acontecimento gerou um amplo volume de atenções midiáticas, como se pode observar pelos títulos mencionados. Vale a pena recordar que as quatro manchetes indicadas representam uma quantidade tímida de veiculações, diante da abundante cobertura realizada pelos mais diversos meios de comunicação de massa. Aliás, a exposição gerada pela mídia foi tão intensa e polissêmica, que será apropriado refletir através de diversas óticas sobre o mesmo assunto. E isso não poderá ser feito em apenas uma das leituras que realizamos semanalmente.

Começando com as capas das revistas Veja, Época, Istoé e Carta Capital: é possível, a partir da comparação entre as manchetes de capa dos quatro veículos, observar que foram realizadas seleções, de modo tal que o mesmo

acontecimento pôde ser intitulado de maneiras bem diferentes. Essa liberdade de escolha é típica do poder da mídia que, do mesmo modo, decide qual a notícia que deve ocupar lugar de destaque. No caso em questão, houve um consenso quanto ao fato a ser destacado: o seqüestro de Sílvio Santos.

Interessa observar a variação entre os quatro títulos mencionados. A revista Veja traz a fotografia de Sílvio Santos, sorridente e acenando para um público que não está compreendido pela foto. É uma imagem que conta com o saber dos que acompanharam o caso e são, portanto, capazes de reconhecê-la como o momento da libertação do empresário. “Vai acontecer uma tragédia. Ele vai me matar se o governador não vier”. É a fala do próprio Sílvio Santos que é selecionada para anunciar, não apenas o desfecho mas talvez o aspecto mais polêmico do mesmo: a presença do governador. Aí a revista adota uma posição favorável à necessidade da presença do chefe do executivo do estado de São Paulo. Esta decisão antecipa uma posição da revista em relação aos desdobramentos posteriores ao seqüestro, quando é discutida, entre outras questões, a forma de intervenção do governador. Sem dúvida, este aspecto coloca

em relevo algo como a qualidade da vítima, fator “legitimador” da adoção de comportamentos diferenciados.

“Estou arrependido”. É a fala de Fernando Dutra Pinto, selecionada, como título, pela revista *Época*. Desta vez é a voz do algoz. Na capa, sua imagem está desfocada. Também ali, os editores puderam contar com o saber do público: ele está dentro da viatura, sendo levado pela polícia. A opção implícita no título é pela demonstração de que além da punição prevista pela lei, o seqüestrador passa a conviver com o arrependimento. É uma mensagem que encerra a máxima: o crime não compensa. Todos os adjetivos positivos associados a Fernando Dutra Pinto, como a sua inteligência, juventude, audácia caem por terra diante de um destino que a sua própria proeza lhe impôs: a prisão.

A revista *Istoé* opta pela imagem de um Sílvio Santos sério, dentro de uma atmosfera na qual não se revelam os componentes, nitidamente. Ali, o apresentador de TV é uma vítima emblemática. É sobre ela que é possível ser colocado o título “Não dá mais”. E este anúncio de esgotamento não advém do fato de termos chegado a um número exato a partir do qual o problema tenha superado o limite do razoável, a este nível já chegamos há muito tempo. Não dá mais todas as vezes em que as vítimas fogem ao perfil habitual. Todas as vezes em que o caso escapa às páginas policiais e ganha forma de problema coletivo, através da construção midiática. Todas as vezes em que o fato violento vem etiquetado pela mídia com um *não dá mais* ou alguma expressão correspondente, é sinal de que os meios de comunicação de massa saíram do modelo habitual de enunciação, da mera

descrição de casos sem emprego da interjeição à atitude de estranhamento e combate. Pelo volume de ocorrências diárias, é possível escrever todos os dias *não dá mais*.

“40 mil homicídios\ano: é guerra civil”. Esta é a manchete da *Carta Capital*, situada abaixo de uma fotografia na qual se destaca uma arma empunhada por uma pessoa cujo rosto está semi-coberto por um capuz, deixando ver apenas os olhos. Proporcionalmente a arma ocupa um espaço maior e aparece em primeiro plano, como se estivesse na condição de protagonista, desqualificando o seu portador: um qualquer. A opção adotada pela revista se distancia das anteriores. Enquanto as primeiras privilegiam o protagonismo de alguns atores individuais, esta última coloca a questão coletiva em primeiro plano, e é a partir dessa dimensão que o problema particular do seqüestro de Sílvio Santos será noticiado. A violência, simbolizada por uma arma de fogo moderna, é anônima, é diária, é uma epidemia. É isto que explica a sua expansão para todos os lados, alcançando as improváveis fortalezas.

Não obstante as diferenças indicadas, são quatro capas de revistas tratando do mesmo assunto, quatro demonstrações de que quando a violência afeta um poder – no caso, o midiático – são acionados alarmes e reclamadas providências.

A comparação entre as capas permite recordar, também, que o mundo da mídia é rico em possibilidades e que é necessário lê-lo mais de perto. Na nossa próxima leitura retornaremos à cobertura do caso Sílvio Santos, explorando outros aspectos não tratados nesta edição.